



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A IMPORTÂNCIA DO ESTAGIO CURRICULAR NA FORMAÇÃO DOCENTE: PRÁTICA E PLANEJAMENTO.

MEDEIROS, Adriano Santos

Graduando em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte

adriano.13.geolic@gmail.com

AZEVEDO, Andrei Gomes

Graduando em Geografia pela Universidade Federal do rio Grande do Norte

andrei.g.azevedo@hotmail.com

SILVINO Marluce

Mestre e docente no curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba

marluce_silvino@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo resultou da conclusão da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado III, oferecida no curso de Geografia – Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Campus de Caicó. Com isso o trabalho objetiva incitar uma discussão sobre como a prática do estágio e seus constantes desafios influenciam na formação do graduando para o exercício da docência. Para que fosse possível a realização do trabalho foi necessário fazer algumas observações *in locus*, entrevistas e levantamento bibliográfico de autores que discutem sobre a importância do estágio curricular, o ensino de Geografia e a importância do planejamento como ferramenta para execução da prática. As análises foram primeiramente empreendidas ao fazer uma pesquisa sobre os espaços que a escola disponibilizava para o acontecimento das aulas, assim como também fazer um apanhado dos materiais disponíveis em busca de produzir um planejamento adequado para cada aula que seria regida. A prática do estágio se configura como de extrema importância para o desenvolvimento profissional dos estudantes de licenciatura, visto que, possibilita ao estagiário adentrar na escola e aproveitar todas as nuances que o sistema escolar possibilita. Mesmo enfrentando dificuldades adversas, é através da atividade docente que o graduando projetará, de forma consciente, os desafios e as possibilidades que a profissão de educador possibilita para o seu progresso pessoal.

Palavras-Chave: Formação Docente, Estágio Supervisionado, Ensino de Geografia. Geografia Escolar.

Introdução

A Geografia por ter seu objeto de estudo o espaço geográfico, possui importante papel para a formação do sujeito propiciando o despertar de uma consciência crítica dos fatores que condicionam seu modo de vivência. Essa reflexão só é realizada quando o indivíduo consegue atentar para a realidade do espaço no qual está inserido.



Nesse contexto para que o ensino de Geografia se torne significativo para os alunos é necessário que o professor tenha postulado as suas competências profissionais que se iniciam desde o início do seu processo de formação. É no período de sua formação acadêmica que nos deparamos com meios de qualificação do fazer docente. Dentre essas possibilidades temos o período de estágio supervisionado. O estágio, na prática, se configura de fundamental importância para a formação inicial da vida cotidiana do professor enquanto futuros profissionais.

É nessa ótica que se faz necessária uma discussão mais aprofundada sobre as possibilidades de experiências que o Estágio Supervisionado em Geografia vem agregar, em seu escopo, diversos modos de intermediar o conhecimento. Com práticas já experimentadas anteriormente o estagiário entra em contato com o mundo da docência. Podemos também apreender que não há uma única fórmula eficaz de ensino, ou seja, uma “receita” já predisposta, porém durante o período de estágio temos a percepção de como o sistema de ensino funciona em sua essência. Contanto o presente trabalho tem como objetivo fomentar uma discussão acerca da prática docente no Estágio Curricular Supervisionado III em Geografia, enfatizando as dificuldades enfrentadas pela diacronia entre planejamento e prática.

Dessa forma a instituição de ensino escolhida para o período de regência foi a Escola Padre Edmund Kagerer localizado na Rua Edmilson Rodrigues De Paula, 1 - MAYNARD na zona leste da cidade de Caicó/RN. A escola dispõe do ensino fundamental – Nível I e II, oferecendo turmas que vão do 2º ao 9º ano. A escola é uma importante referência, pois não só atende alunos dos bairros próximos, mas também atende ao alunado da zona rural.

Metodologia

Para desenvolver uma discussão mais aprofundada sobre a prática do Estágio Curricular Supervisionado III e assim poder utilizar estudos previamente produzidos, foi necessária uma revisão bibliográfica sobre autores que, por excelência, discutem a Geografia na sala de aula, a prática educativa e a importância do planejamento para o ser docente. Assim nos deteremos aos estudos de BOLIGIAN (2008), CASTRO (2008), CAVALCANTI (1988), DAMIANI (1999), entre outros que serão utilizados como referência para a produção do presente trabalho.

Para coletar os dados concernentes à escola-campo fizemos observações sobre a estrutura física da escola e poderemos selecionar os locais que seriam utilizados na prática do estágio. Dessa forma foi de grande importância fazer entrevistas com a equipe gestora da escola, assim como



também com o professor titular de Geografia, em busca de um consenso sobre as atividades que foram desenvolvidas durante nossa permanência na instituição de ensino.

Resultados e Discussão

O ensino de Geografia, por ser uma disciplina dinâmica e pelo seu próprio objeto de estudo que analisa as relações sociais com o meio natural formando assim o espaço geográfico, necessita que o professor utilize de diversas metodologias, aproveitando os espaços que a escola disponibiliza, assim como também os espaços em seu entorno. A fim de que essa ação seja viável, durante o processo de formação do docente, o estudante de graduação precisa conhecer todas as fases do planejamento das aulas para que as situações cotidianas da sala de aula não permita ao estagiário cair em erros e contradições impostas pelas relações que se dão no interior da escola. Para isso Zabala (1998, p. 14) acentua que:

“Na sala de aula acontecem muitas coisas ao mesmo tempo, rapidamente e de forma imprevista, e durante muito tempo, o que faz com que se considere difícil, quando não impossível, a tentativa de encontrar referências ou modelos para racionalizar a prática educativa”.

O plano de aula é uma ferramenta que auxilia ao professor criar cenários futuros de como a aula será norteada nas mais diversas situações. O planejamento prévio da aula é de substancial importância, não só por seu lado técnico, mas por que auxilia ao professor escolher as metodologias necessárias, o tempo disponível, o material didático adequado para cada aula e desse modo organizar, embora que sistematicamente, as ideias e informações. “Portanto a necessidade do planejamento está relacionada também à complexidade da ação a ser desenvolvida[...]” (JEZINE, 2012, p. 225).

Porém para que a aula, através do planejamento, obtenha êxito é necessário que o ser docente não apenas centralize suas ações dentro da sala de aula, mas que esteja preocupado com a formação do estudante enquanto cidadão. De acordo com Damiani (1999, p. 50): “A noção de cidadania envolve o sentido que se tem de lugar e do espaço, já que se trata da materialização das relações de todas as ordens próximas ou distantes”, onde o ensino de Geografia deve “propiciar ao aluno a compreensão do espaço geográfico na sua concretude, nas suas contradições” (CAVALCANTI, 1998, p. 20).

Como sabemos as relações não se dão apenas dentro da sala de aula, há toda uma teia de inclusões que envolve diversas instâncias sociais como escola, estudante e comunidade. Para



despertar essa noção de cidadania o estudante precisa entender como ele está inserido dentro do espaço de suas construções significativas, ou seja, o seu lugar de vivência. Concordando com Tuang (1930, p. 219): “O lugar é um mundo de significado organizado”.

Ao realizar a prática no sentido de executar as ações norteadas pelo planejamento temos a possibilidade de defrontar as teorias intermediadas pelo educador com as experiências cotidianas vivenciadas pelos discentes. É nesse aspecto que o ensino de Geografia se faz relevante no processo de ensino-aprendizagem do ser enquanto sujeito, pois analisam o que há de concreto no espaço, com formas muitas vezes autoexplicativas, que estão dotadas de conteúdos.

Os conteúdos geográficos, não necessariamente, precisam ser trabalhados apenas com os conhecimentos do professor auxiliado com livro, existem inúmeras formas de fazer com que esses estudos se tornem atraente e assim possam ser investigados. Mesmo com todas as tecnologias implantadas dentro da escola e que nos permitem explorar espaços em diversas escalas, o contato com paisagens, que são comuns ao grupo, despertam sentidos diversos que são eficazes à aplicação de teorias vistas em sala de aula. Corroborando com Pinheiro; Nascimento (2014, p. 49):

“[...] o professor precisa desenvolver novas habilidades para enfrentar os desafios da formação e para que possam obter melhorias significativas no processo de ensino-aprendizagem dos seus alunos e na sua autoformação”.

Em diversas situações a prática docente precisa de avaliações diárias para se adequar às necessidades que surgem dentro da escola. É importante que o estagiário faça um levantamento de todos os possíveis espaços que a escola disponibiliza para o acontecimento de diversas atividades sugeridas. Mesmo concordando com Garcia e Morais (2014) quando se refere ao chão da sala de aula como sendo o sítio onde encontramos o trabalho docente em sua essencialidade, toda a estrutura física da instituição de ensino permite um melhor aproveitamento das aulas e maior participação dos alunos.

Colocar o aluno como centro das ações executadas não é tarefa fácil, pois cada um possui realidades adversas, e mesmo que esse seja um tema bastante debatido durante o processo de formação do professor na graduação, o ser discente não sai da academia com a habilidade de lidar com essa situação. O período de estágio sendo aproveitado em todas as suas nuances nos dá a noção da rotina escolar, analisada e vivida através da percepção enquanto professor. Dessa forma Santos (2013, p. 59) afirma que: “O estágio supervisionado possibilita um aprendizado interpretativo para que os licenciados possam refletir acerca da docência [...]”.



Na prática, as formas como o plano de aula, ou de uma forma redundante, foram planejadas, realmente nos dá possibilidades de antecipar o quê, como, quando e onde executar as ações que serão desenvolvidas durante o período de regência. A primeira ideia que temos, ao “pensar na aula” enquanto meio principal de nossa atuação, é utilizar o livro didático como guia e ferramenta principal para que a aula seja viável de acontecer. Mesmo o livro sendo considerado como uma ferramenta de ensino nos moldes tradicionais, não podemos cair no erro de desconsiderá-lo enquanto agente promotor e reproduzidor de conhecimentos. Assim alerta Boligian (2008, p. 847) quando supõe que o livro didático se configura como “[...] componentes do jogo das relações sociais e de uma cultura própria que se dá no interior da escola [...]”.

Entretanto sabemos que, apesar da sua estética atraente, o livro didático, muitas vezes, não são os objetos mais desejados pelos alunos. Nesse mundo moderno onde a tecnologia está cada vez mais arraigada em nossas vivências, consultar o livro em pesquisas para aperfeiçoamento e atualização dos conhecimentos se tornou uma prática enfadonha. Nesse sentido Guimarães (2013, p. 221) afirma que: “As crianças e jovens que adentram na escola são formadas, desde muito cedo, no compasso vertiginoso dos artefatos midiáticos”, deixando postergada a cultura da leitura.

Durante o período de planejamento das aulas foi necessário que todos esses pontos discutidos anteriormente estivessem presentes. A primeira iniciativa a ser tomada foi fazer o levantamento dos conteúdos que seriam trabalhados e dos espaços internos que a escola disponibilizava. O livro didático, por sua vez, seria o primeiro instrumento utilizado para definir a temática de cada aula; foram produzidos 10 (dez) planos de aula, ou seja, para cada aula um plano. Estabelecemos que não nos deteríamos apenas à sala de aula.

Dessa forma pudemos incluir a ideia central que seria defrontar o aluno com sua realidade local. Para isso Cavalcanti (1988, p. 20) diz que: “os estudiosos alertam para a necessidade de se considerar o saber e a realidade do aluno como referência para o estudo do espaço geográfico” incluindo também as tecnologias disponíveis na escola e execução de atividades que levassem o aluno analisar a paisagem do entorno da escola e assim podermos pensar nos métodos que serviriam de avaliação.

Como método avaliativo foi necessário o uso contínuo de atividades propostas pelo livro, visto que as aulas eram sempre dialogadas, assim como pesquisas para serem realizadas em casa, avaliação impressa e a apresentação de seminários. Quanto à nota atribuída as atividades transcritas no caderno do aluno, estas seriam dotadas de “visto”, onde o clímax para o encerramento da



regência seria uma nota atrelada à apresentação dos seminários. Assim pudemos fazer uso de diferentes metodologias e poder experimentar a reação dos discentes quanto à nossa prática docente.

Com o início da regência, a partir do planejamento realizado, a primeira aula iniciaria com a introdução do tema já predisposto pelo livro de Geografia de uma nova unidade. O primeiro ajuste a ser realizado no planejamento, exclusivamente dessa aula, seria a subtração de 20 minutos do horário, ou seja, teria que utilizar cerca da metade do tempo previsto. A partir desse primeiro momento tivemos a noção de como seriam as próximas aulas. Todo o planejamento necessitou de ajustes, pois entendemos que não seria possível executarmos todas as ações estruturadas.

Em busca de não nos limitar apenas ao uso da sala de aula, durante três aulas intercaladas, fizemos uso da sala multimídia para a apresentação de slides e assim discutir alguns aspectos do cotidiano dos alunos, fazendo uso de imagens, para podermos corroborar com o que estava sendo proposto pelo livro didático. Um ponto vale ressaltar: durante a primeira aula da regência o professor colaborador esteve presente, porém em nove aulas subseqüentes o mesmo não pode participar.

Nas aulas que aconteceram no chão da sala de aula, o quadro era sempre utilizado para demonstrar exemplos e assim poder sanar as dúvidas que surgiam durante o processo de ensino. O livro era sempre utilizado não apenas para ler o que estava escrito, mas para procurar interpretar os mapas e imagens expostas nele.

Na tentativa de associar as aulas teóricas com a prática, organizamos uma aula de campo que se configurou como importante método utilizado, possibilitando aos envolvidos sair do confinamento dos muros da escola e poder deleitar-se sobre toda parte sensitiva que a paisagem nos permite. Apesar de não traçarmos uma distância significativa da instituição, tivemos condições necessárias de ver na prática os processos de produção e reprodução do espaço. Não gozamos do apoio de um transporte que proporcionasse um deslocamento em massa dos estudantes, o que também não seria possível realizar grandes distâncias pelo tempo disponível, mas durante a caminhada até o ponto de chegada foi cunhada um relacionamento mais aprofundado entre estagiário-aluno.

Apesar de termos desenvolvido uma gincana que despertasse a participação de todos através do espírito competitivo, uma difícil tarefa que enfrentamos foi a de descaracterizar a imagem do professor enquanto um sujeito com práticas tradicionais, embora colocando o aluno no centro das discussões.



Para encerrar essa etapa de regência, na última aula, os alunos fizeram a apresentação dos seminários. Composto por seis alunos, cada grupo ficou com um tema sorteado; cada tema selecionado já teria sido abordado nas aulas anteriores. Com as devidas apresentações, os grupos foram analisados pelos estagiários para que pudéssemos atribuir uma nota. Dessa forma esse período encerra-se com a participação de todos os envolvidos com a atividade avaliativa.

Conclusão

Concluimos então que, com a prática do estágio, abre-se um leque de possibilidades para o ser discente, onde o mesmo necessita colocar em ação uma considerável parcela dos ideais debatidos nas atividades acadêmicas. É importante salientar que nem todas as regras se aplicam à prática, pois a sala de aula é muito dinâmica e sempre acontecem coisas novas e que muitas vezes fogem do controle.

Com o planejamento se torna mais fácil criar diversas situações que podem ocorrer durante a regência das aulas. Embora que todas as aulas foram direcionadas segundo os objetivos que estavam propostos no plano de aula, nem tudo saiu como o planejado. Necessitou de várias reavaliações no período em que as atividades foram ministradas. Uma grande dificuldade encontrada foi o horário disponível que, por ser muito limitante, não permitia a execução de atividades mais elaboradas. Mesmo o professor estando em comum acordo com as ações propositadas, houve vários enlaces que obrigaram outros direcionamentos.

A ausência do professor/colaborador também foi um desafio a ser superado. Apesar de ter ciência de que não seria fácil liderar uma turma com um número expressivo de alunos, a falta de experiência em lidar com diversas situações fez com que fossem adotadas medidas extremamente tradicionais. Não foi uma tarefa amarga, porém não foi tão fácil como se imaginava.

O período de regência possibilitou-nos viver um pequeno período de experiência para assim termos a noção de como realmente funciona o cotidiano da escola, pois as ações empregadas necessitaram da utilização de diversas ferramentas. Não basta apenas ir para dentro da sala de aula com os conhecimentos adquiridos; é necessário que o profissional docente seja flexível, e firme ao mesmo tempo, para as barreiras impostas no dia-a-dia.

Essa relação que se dá entre professor-aluno também se torna de suma importância, para não dizer a mais importante, para que os objetivos realmente sejam alcançados. Não é só a consciência do aluno que necessita ser construída, mas a nossa atuação enquanto estagiário se torna de imprescindível importância para a formação do professor. Adentrar no meio educativo com a



ideologia de que o professor é o detentor do conhecimento é uma prática errônea, pois nesse mundo globalizado as informações são atualizadas instantaneamente e temos que estar atento a isso. Em situações adversas foi necessário rever o impacto que a prática educativa causa na formação do aluno enquanto cidadão crítico da sua realidade.

Dessa forma, mesmo com todas as tribulações, o período de regência trouxe significativas mudanças para nossa formação enquanto professor. Mediar os estudos geográficos se tornou uma prática prazerosa, pois ocasionou a possibilidade de analisar o espaço geográfico, enfatizando a construção do espaço vivido e relacionando com as múltiplas relações culturais que permeiam nossa atuação na sociedade.

Referência Bibliográfica

BOLIGIAN, Levon. **A Geografia escolar a partir dos livros didáticos: história da disciplina no Brasil.** 1º SIMPGEO/SP, Rio Claro, 2008. ISBN: 978-85-88454-15-6.

CASTRO, Patricia Apareira Pereira P. de; TUCUNDUVA, Cristiane Costa; ARNS, Elaine Mandelli. **A importância do planejamento das aulas para organização do trabalho do professor em sua prática docente.** Revista Científica de Educação, v. 10, n. 10, jan./jun. 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção do conhecimento.** Campinas: Papiro, 1998.

DAMIANI, Amélia Luisa. A Geografia e a construção da cidadania. In. CARLOS, Ana Fani Alessandri; (Org.). **A Geografia em sala de aula.** São Paulo: Contexto, 1999.

GARCIA, Tânia Cristina Meira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Ensino de Geografia: refletindo sobre a práxis e a identidade do professor.** In. MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; GARCIA, Tânia Cristina Meira; SOBRINHO, Djanni Martinho dos Santos Sobrinhos. (Org.). Educação geográfica: ensino e práticas. Natal: EDUFRN, 2014.

GUIMARÃES, Iara Vieira. Os artefatos midiáticos, a pesquisa e o ensino de Geografia. In. ALBUQUERQUE, Maria A. Martins de; FERREIRA, Joseane A. de Sousa. (Orgs.) Formação, Pesquisas e Práticas Docentes: reformas curriculares em questão. João Pessoa: Editora Mídia, 2013.

JEZINE, Edineide. **Didática I.** EDUFPPB, 2012.

PINHEIRO, Antonio Carlos; NASCIMENTO, Luiz Eduardo do. **Os constantes desafios da formação do professor de Geografia.** In. MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; GARCIA, Tânia Cristina Meira; SOBRINHO, Djanni Martinho dos Santos Sobrinhos. (Org.). Educação geográfica: ensino e práticas. Natal: EDUFRN, 2014.

SANTOS, Maria F. Pinheiro dos; **O estagio supervisionado na formação dos professores de geografia.** In. ALBUQUERQUE, Maria A. Martins de; FERREIRA, Joseane A. de Sousa. (Org.).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Formação, Pesquisas e Práticas Docentes: reformas curriculares em questão. João Pessoa: Editora Mídia, 2013.

TUANG, Yi-Fu. **Tempo e Lugar**. In. TUANG, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência; tradução: Livia de Oliveira. – Londrina: Eduel, 2013.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: ARTMED, 1998.